Os mares e o “fondaco”: viagens de Florian

Vera Horn – USP

RESUMO: Os dois mares de Florian, emigrado de segunda geração dividido entre a terra em que nasce e a terra de sua mãe, entre a Alemanha e a Calábria. Uma viagem que contém outras viagens, das quais se destaca a viagem de Florian no seu interior e a busca de uma identidade. A viagem de Dumas, ponto de partida de uma viagem intertextual e confluência de um percurso existencial, e o Fondaco del Fico, transformado em uma hospedaria de família e símbolo maior de uma cultura antiga que se renova. A emigração como potencialidade humana e literária; espaço de pluralidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Tra due mari*; emigração; identidade; viagem; duplo.

Os mares

I pass, like night, from land to land.

S. T. Coleridge, *The rime of the ancient mariner*

“*Ci fermammo verso mezzogiorno in un piccolo paese chiamato Fundaco del Fico per far riposare le nostre cavalcature e cercare di mangiare; poi dopo un'ora di sosta, riprendemmo il viaggio, lasciando la via maestra a sinistra e inoltrandoci nella montagna.*”¹ Foi assim que Alexandre Dumas deixou registrada sua passagem pelo Fondaco del Fico na viagem que fez pela Calábria, em 1835. Pelo Fondaco del Fico teriam passado, inclusive, outros personagens ilustres, como Von Stolberg, por exemplo. Partindo do Fondaco del Fico, Dumas avista os dois mares: “*Il sentiero che avevamo lasciato salendo verso Fundaco del Fico*

1. Dumas, *Viaggio in Calabria*, 1996, p. 103. O volume *Viaggio in Calabria* faz parte da obra *Le Capitaine Aréna*, publicado em 1842.

s'inerpicava ancora. [...] dopo un'altra ora di marcia ci trovammo su un punto culminante da dove riuscimmo a vedere, tutt'a un tratto, i due mari...”². Esses são os mares de que parte Carmine Abate para compor o seu *Tra due mari*, romance que recria, em um interessante processo intertextual, a viagem de Dumas, transformando o Fondaco del Fico em uma hospedaria³ e revisitando o percurso de Dumas pela Calábria, desde a parada no Fondaco del Fico à passagem pelas zonas devastadas pelos terremotos que abalaram a região naquele ano. No romance de Abate, Dumas passa pela hospedaria, que pertencia aos antepassados de Giorgio Bellusci, velho patriarca e avô do narrador, e deixa o álbum em que escrevia suas observações de viagem, o que incentiva o filho do dono da hospedaria, cujo nome é o mesmo do patriarca, a empreender uma viagem em busca do escritor para entregar-lhe o álbum. Esse Giorgio Bellusci, também chamado Focubellu, não consegue encontrar Dumas, que se adentrava cada vez mais na Calábria, acompanhado por Jadin, e volta à hospedaria com o álbum. Este livro de anotações, que Dumas realmente utilizava (*“Subito dopo aver terminato la storia ed averla scritta sul mio albo...”*⁴), permanece na hospedaria e passa de geração a geração até chegar ao Giorgio Bellusci do presente, que o conserva como uma relíquia.

São duas as viagens iniciais de *Tra due mari*, a viagem de Alexandre Dumas e a de Giorgio Bellusci e Hans Heumann nos anos 50. Dumas, acompanhado pelo pintor Jadin e pelo cão Milord, faz uma parada na famosa hospedaria Fondaco del Fico, posteriormente destruída por um incêndio; Bellusci e Heumann se encontram por acaso quando o primeiro ia da Calábria a Bari a pé para rever a mulher amada e o segundo viajava de Fusca pela Calábria em busca de objetivos para fotografar. Mas não são somente essas as viagens de *Tra due mari*, estruturada como uma viagem, com uma partida, quatro

2. *Idem*, p. 114.

3. O mapa “Viaggio da Napoli a Messina”, que faz parte da obra *Itinéraire d'Italie ou Description des voyages par les routes les plus fréquentées aux principales villes d'Italie*, de J. Vallardi, publicada em Milão pela Pierre et Joseph Vallardi Editeurs, em 1824, representa Fondaco del Fico e outras localidades calabresas como estações de “posta”, de troca de cavalos.

4. Dumas, *op. cit.*, p. 29.

viagens que se interseccionam e uma “sosta” De certa forma, a viagem de Heumann e Bellusci retoma a viagem de Dumas, não só porque se passa, em sua maior parte, na Calábria, mas porque reproduz o mesmo trio formado por dois homens e um cão de nome Milord. A hospedaria em questão pertencia, como vimos, à família de Bellusci, que cultivava o sonho de reconstruí-la durante toda a vida, quase como uma obsessão; a viagem de Heumann e Bellusci acaba por marcar o destino de ambos e se repete no fim do romance, especularmente, anunciada por sinistros presságios: “*La mattina avevamo fatto colazione tutti assieme, a casa dei nonni, torta alla ricotta, marmellata di fichi e pane appena sfornato, caffè e succo di more di gelso, rosso come sangue*”⁵. A filha de Bellusci emigra para a Alemanha, a princípio por pouco tempo, e conhece o filho de Heumann, com quem se casa, estabelecendo-se definitivamente no país, e tem dois filhos, um dos quais, o mais velho, é Florian, o narrador.

Florian acompanha os pais em um constante trajeto Hamburgo-Roccalba, a contragosto, escandindo o mau humor com os quilômetros que separam as duas cidades: “*Avevo resistito da Amburgo fino all’uscita dell’autostrada, per 2581 chilometri di noia e sofferenza [...]*”⁶ A ação se divide, portanto, entre Roccalba, na Calábria, região de origem de Bellusci, e Hamburgo, na Alemanha, de onde partira Heumann e onde mora a família de Florian. Roccalba é uma cidadezinha situada “*come un ferro di cavallo su una collina tra due mari, lo Ionio e il Tirreno*”⁷, os dois mares do título. Uma cidade quente e abafada, da qual Florian se sente distante: “*Stavo arrivando per le vacanze lunghe e già volevo tornare indietro*”⁸, mas que frequenta assiduamente nas férias, por ser a cidade natal de sua mãe. Temos, assim, delineadas as viagens de *Tra due mari*, narrativa que se caracteriza por uma constante duplicidade, já anunciada no título, e que também marca as viagens. O romance se desenvolve, como vimos, como um itinerário de viagem, que por sua vez contém outras viagens. Esse

5. Abate, 2002, p. 187. A próxima publicação é em Portugal pela Ed. Círculo de Leitores, em 2004.

6. *Idem*, p. 10.

7. *Idem*, *ibidem*.

8. *Idem*, *ibidem*.

roteiro se revela significativo no decorrer do romance, sobretudo no que se refere ao itinerário pessoal de Florian. A experiência da viagem compreende um percurso que vai do distanciamento do conhecido e do familiar, passa pelo confronto com o outro e o diverso e, através desse confronto, chega à conquista da identidade e à visão de si. Dessa forma, a escolha de um percurso de viagem como estrutura do texto ocorre quando se deseja narrar uma transição existencial decisiva, uma passagem na direção da conquista ou da reconquista de uma identidade⁹

O termo “literatura da migração”, derivado do inglês “*migrant writers*”, é relativamente recente e compreende, embora não apresente uniformidade de definição, obras de emigrados italianos no mundo e de imigrados estrangeiros na Itália. Para Armando Gnisci, um dos primeiros estudiosos na Itália a interessar-se pelo tema, essa literatura deve ser pensada como um fenômeno da modernidade e constitui uma realidade jovem, mas forte e em contínuo crescimento¹⁰. É uma literatura de vocação pluralista, espaço múltiplo de confronto e mistura. Abate constitui, entretanto, um caso particular. O autor tem sido incluído no rol dos escritores da migração e citado ao lado de nomes como Salman Rushdie, Tahar Ben Jelloun e Yousif Tawfik¹¹. É um escritor italiano cuja língua-mãe não é o italiano, mas o arbëresh, e que tem na bagagem uma experiência significativa como emigrante na Alemanha, onde, inclusive, iniciou a publicar uma variada produção, do conto ao ensaio. Como esclarece Simonetta Sandri, “*non si tratta solo di opere a carattere di testimonianza o di documento ma di esempi di cultura, di ricerca dell'identità e di opere di grande valore letterario. Si pensi a Carmine Abate [...] Le sue opere sono il racconto di tante migrazioni [...]*”¹². A emigração constitui um fator determinante para sua formação de escritor: “*ho cominciato a scrivere [...] proprio perché ho sentito l'esigenza di denunciare l'ingiustizia della costrizione ad emigrare. [...] col tempo*

9. Cf. Fasano, 1999, pp. 7-15.

10. Cf. Calabrese *et al.*, 2002.

11. Cf. Fiori, 1999; Sandri, s.d.; Martinelli, 2000; Panzeri, s.d.; Calabrese *et al.*, 2002.

12. Cf. Sandri, s.d.

ho colto anche gli aspetti positivi che ci sono in quest'esperienza, per non parlare delle grandi potenzialità narrative e linguistiche"¹³ A experiência do emigrado enriquece a matéria literária, que se nutre da multiplicidade de perspectivas e de línguas, traduzidas no plano literário. Alguns críticos têm apontado a imigração/emigração como um novo horizonte para o estudo da literatura italiana contemporânea, na qualidade de veículo para temas como a identidade, a língua, a tradução, a nação, o conflito colonial (no caso da chamada literatura pós-colonial e dos escritores de ex-colônias) e a pátria e, nesse caso, se impõe a necessidade de uma atualização do cânone, como adverte uma outra estudiosa do assunto, Franca Sinopoli¹⁴. Para o próprio Abate, a literatura multicultural, feita de olhares múltiplos e híbridos, constitui a salvação da literatura, inclusive a italiana, que atualmente apresenta sinais de cansaço: "*In questo mondo ormai fatto di grandi masse che si spostano, a leggere l'ormai nutrita letteratura di immigrati/emigrati che hanno adottato e rielaborato la lingua del paese ospite, mi sembra di ascoltare un'unica grande storia corale*"; "*Io la definisco una letteratura che ha alla base il contatto e alle volte lo scontro tra le culture. È probabilmente la letteratura del futuro*"¹⁵. Essa análise encontra repercussão na própria crítica de Abate; em uma recensão a *Il ballo tondo*, Sergio Pent afirma que "*il romanzo di Abate riveste un'importanza primaria in un contesto dove sempre più le minoranze etniche e linguistiche dovranno divenire un metro di confronto narrativo [...]. Questione di tempo e avremo i nostri Rushdie, Ishiguro, Picouly, a rinfrescare il terreno un po' arido del romanzo italiano*"¹⁶

Entre dois mares, portanto, mas também entre duas épocas, duas culturas e, sobretudo, duas terras. Florian é um alemão nascido em Hamburgo de uma família mista e não um emigrado de primeira geração, como os personagens dos romances anteriores de Abate, entre os quais o "Mericano" Francesco Avati de *Il ballo tondo* e Giovanni Alessi de *La moto di Scanderberg*, ambos

13. Cf. Panzeri, 2003.

14. Cf. entre outros Franca Sinopoli, "La storia comparata della letteratura", em Gnisci, 2002, pp. 1-29.

15. Cf. Eller, 2001 e Martinelli, 2000.

16. Cf. Pent, 2000.

calabreses de etnia arbëresh emigrados para a Alemanha. O mundo da emigração é familiar a Abate, que, como vimos, não só viveu essa experiência, como pertence a uma família de emigrados. É uma temática constante em sua narrativa, embora em *Tra due mari* se apresente de maneira diversa em relação às primeiras obras. Nos romances anteriores, verificava-se um fenômeno que a Calábria conheceu muito de perto, a emigração para a Alemanha, uma história que para muitos calabreses coincide com o início de *Terra di emigranti*, de Saverio Strati, escritor calabrês que também viveu a experiência da emigração. A terra de emigrantes é a própria Calábria: “*Anche mio padre, come tantissimi altri, aveva spiccato a un tratto il volo all'estero*”¹⁷ Em *Il ballo tondo*, Francesco Avati, chamado Il Mericano, emigra para a Alemanha em busca de trabalho e melhores condições econômicas, deixando para trás o filho Costantino e o restante da família, que revê somente nas férias. No entanto, quando volta para casa repete teimosamente que a próxima vez será definitiva e que não voltará mais para a Alemanha. Em *La moto di Scanderberg*, quem emigra para a Alemanha é o jovem e inquieto Giovanni Alessi, que antes de se estabelecer em Colônia já realizara diversas experiências de emigração em cidades diferentes da Itália e da Alemanha, mas a imagem do emigrado calabrês humilde, que parte para a Alemanha em busca de uma situação econômica mais favorável, sobrevive no personagem Mario Schirò, tio de Giovanni. Em *Tra due mari*, a emigração adquire uma conotação diversa; a mãe de Florian é formada em Letras e emigra para a Alemanha por amor; Florian segue um percurso inverso, da Alemanha à Calábria, e essencialmente interior.

17. Strati, 1979, p. 15.

O “fondaco”

*Due lingue, due terre, forse due anime...
 Son io un uomo o due strane metà d'un solo?*
 Joseph Tusiani, *Gente mia and other poems*

*[...] e mi sorprende il fatto che questo ritorno,
 che in qualche modo ho sempre aspettato,
 sia arrivato così tranquillamente, non
 annunciato da squilli di tromba né da tuoni.*
 John Fante, *L'odissea di un Wop*

O Fondaco del Fico recriado por Abate pertencia, como vimos, aos antepassados de Giorgio Bellusci, avô de Florian. No presente, a hospedaria é apenas uma parede de pedra com a parte de cima queimada, que os olhos infantis de Florian definem como “*l'enorme incisivo cariato di un dinosauro*”¹⁸, mas constitui, ao mesmo tempo, a pedra fundamental da obra, uma vez que atravessa todas as épocas e viagens e aponta para um outro tipo de viagem, uma espécie de viagem de formação, a de Florian no seu próprio interior. De resto, para Chevalier e Gheerbrant, “a única viagem válida é a que o homem faz ao interior de si mesmo”¹⁹

Embora Florian tenha raízes duplas, a princípio, como vimos, ele rejeita a metade calabresa, da qual se sente distante. Da mesma forma, não vê como positiva sua origem mista, que o caracteriza como “água suja”: “*Se io andavo alla ricerca delle mie origini mi perdevo come l'acqua di un ruscelletto in mezzo al deserto. E, per giunta, era acqua sporca, la mia*”²⁰. Todorov, em *L'uomo spaesato*, expõe um problema que viveu pessoalmente, a dupla identidade. A questão se apresenta quando o escritor resolve viajar para a Bulgária, seu país natal, após muitos anos de ausência, pois havia escolhido a França como residência efetiva. Antes mesmo da partida, se impõe um conflito entre a personalidade francesa adquirida e a antiga personalidade búlgara; para Todorov, a palavra duplo re-

18. Abate, *op. cit.*, p. 48.

19. Chevalier e Gheerbrant, 1995, p. 953.

20. Abate, *op. cit.*, p. 63.

presentava uma impossibilidade, ele se sentia um ser dividido em duas metades, ambas irreais. Com essas duas metades, era impossível formar um todo, ou era uma coisa ou a outra, mas a impressão dominante era a da incompatibilidade. Para narrar esse conflito no capítulo inicial do livro, Todorov escolheu como epígrafe o verbete do *Petit Larousse* “dépayser”, que significa tanto mudar de país, de ambiente, como desconcertar, desorientar, mudando de costumes²¹. Tal é o estado de espírito de Florian, dividido entre dois mundos e desconcertado diante do ambiente não familiar que se impõe com as constantes viagens que o levam a Roccalba. Ele vive com raiva as férias em Roccalba, onde vê somente calor, mormaço, moscas, pessoas de cabelos escuros e ondulados que falam alto e se intrometem na vida dos outros. Essa paisagem representa grande parte de sua adolescência, dividida entre Roccalba e Hamburgo, que ele considera sua verdadeira terra: “*avrei assaporato il mio mondo baciando Hannelore*”²². Roccalba não lhe pertence: “*L’altro mondo, quello di mia madre, mi faceva sudare non appena mi ricordavo della sua esistenza o prendevo in mano le lettere che Martina continuava a scrivermi anche se non rispondevo mai*”²³. O outro mundo, como o define Florian, não faz parte de sua identidade e, conseqüentemente, deve ser repudiado: “*Cominciai a trafficare con i fili d’erba gialla come se stessi ricomponendo un puzzle. Misi assieme i pezzi volutamente cancellati dell’ultima estate in cui ero stato a Roccalba [...] Lo scompigliai strappando l’erba con i denti e sputandola lontano*”²⁴. Roccalba é, ainda, uma espécie de condenação insuportável, como o mormaço que a sufoca sem piedade nos penosos verões da adolescência de Florian: “*Dunque non avevo scampo*”²⁵, uma presença indesejável vivida com a raiva dos que não aceitam, com o desprezo dos que buscam sem saber.

Mas Florian não renega somente o lugar. Para ele, o avô Giorgio Bellusci é um desconhecido a quem não consegue chamar de avô, a quem não consegue nem mesmo chamar por nome. Negando o nome, Florian nega, de certa forma, a

21. Cf. Todorov, 1997.

22. Abate, *op. cit.*, p. 83.

23. *Idem, ibidem.*

24. *Idem*, p. 54.

25. *Idem*, p. 82.

existência do avô, atitude que terá por muito tempo, mesmo depois que Bellusci é libertado, após ter passado oito anos na cadeia pelo assassinato de um representante da máfia local que lhe exigia a famosa propina: “*Avevo voglia di scappare [...], in capo al mondo, lontano da Roccalba e soprattutto da Giorgio Bellusci [...]. Quell’uomo che non riuscivo nemmeno col pensiero a chiamare nonno l’avrei salutato a casa l’indomani. Mio malgrado*”²⁶. No entanto, como conclui Salman Rushdie, “*volare e fuggire*” são “*due modi per cercare la verità*”²⁷. Um avô de contornos míticos, ligado irremediavelmente à terra, depositário de uma tradição, como o “*nani*” Lissandro, de *Il ballo tondo*, e guardião de um sonho, quase uma obsessão, a reconstrução do Fondaco del Fico. E será justamente Giorgio Bellusci quem encaminhará Florian na direção da redescoberta e da reapropriação lenta e gradual de suas origens, mediante a restauração da hospedaria.

A longa viagem de Florian em direção a Roccalba não passa, entretanto, somente pela figura mítica do avô, mas se dá em um crescendo, seja através do confronto forçado com o “outro mundo”, como ele o chama, seja através dos sentidos, que evocam sensações primordiais e suscitam emoções e desejos: “*Riabbracciai la nonna in cucina [...]. quando alzò i coperchi delle pentole e dei tegami il profumo della sua cucina eruttò come vapore da un vulcano. [...] Fu inevitabile pensare a Giorgio Bellusci*”²⁸. O encontro com Martina, que lhe despertava antipatia na infância, e a relação amorosa que se instaura entre o casal também fazem com que Florian comece a se apaziguar com Roccalba: “*le confessai che ero contento di quella vacanza a Roccalba, grazie a lei*”²⁹ e descubra sentimentos até então desconhecidos. Mas a aproximação com o avô é mais demorada e, nesse sentido, o papel do Fondaco del Fico é fundamental.

Giorgio Bellusci é um homem obstinado e nem mesmo as ameaças da máfia esmorecem seu sonho de reconstruir a hospedaria de família e transformá-la em um moderno hotel. O avô tenta envolver Florian no projeto e lhe rouba uma

26. *Idem*, p. 92.

27. Rushdie, p. 100.

28. Abate, *op. cit.*, p. 85.

29. *Idem*, p. 88.

promessa raivosa, mas ele permanece indiferente: “*Che me ne importava dei suoi sogni?*”³⁰. Para Bellusci, reconstruir a hospedaria por onde passara Alexandre Dumas “*è una questione di vita o di morte e [...] nessuno può tirarsi indietro [...]*”³¹, mas Florian não compreende a fundo a importância da obra e, de fato, voltando à Alemanha, procura libertar-se daquelas férias como quem se livra de “*souvenir [...] compromettenti*”: “*non soffrivo, non provavo nessuna pena d’amore, nessuna inguaribile nostalgia né per lei, né per Roccalba, né per i nonni. Del resto, perché avrei dovuto?*”³². Mas a transformação física que acompanha Florian, cujos cabelos se tornam cada vez mais encaracolados e escuros, é emblemática de uma outra transformação, a interior. O chamado daquela terra quente, sedutora e sensual o conquistara irremediavelmente e na passagem para a terceira viagem, o próprio Florian o descobre, como o “wop” de John Fante: “*Arrivammo a Roccalba nel tardo pomeriggio. Feci fermare la macchina al centro della piazza, smontai e, in modo plateale, mi inginocchiai con l’intenzione spiritosa di baciare il paese. [...] Infine fui costretto a desistere tra le risate di Teresa; ma l’intenzione, sia pure scherzosa o ridicola, di quel bacio, mi fece capire che Roccalba ce l’avevo dentro, volente o nolente, era una parte di me, come Amburgo, né più né meno [...]*”³³.

A reconstrução do Fondaco del Fico, com a constante colaboração de Florian, não é imediata, nem indolor, mas a obra terminada, um moderno hotel com piscina e solário no qual a antiga parede de pedra fora conservada e engastada em um dos muros como uma antiga raiz cuja sobrevivência é fundamental, assinala a convivência de dualidades que pareciam irreconciliáveis. O Fondaco del Fico é, ainda, a representação de uma cultura fundamental que é preciso conservar, alimentada pela raiz do passado, mas ao compasso dos tempos – de resto, como afirma Todorov³⁴, toda cultura viva se transforma. Florian, a princípio, nega-o e se isola em seu mundo, mas aos poucos se conscientiza de suas raízes, cujo

30. *Idem*, p. 110.

31. *Idem*, p. 111.

32. *Idem*, p. 112.

33. *Idem*, p. 137.

34. Todorov, *op. cit.*, p. 11.

conhecimento adquire através de um processo igualmente longo e doloroso, e compreende o significado do Fondaco e de sua natureza dupla, mas não por isso conflitual. O conto de Fante é, nesse caso, emblemático. Trata-se da “odisséia de um wop”, isto é, de um menino-adolescente de origem italiana emigrado nos Estados Unidos que repudia sua origem e procura ocultá-la aos demais³⁵. Como revela Francesco Durante na introdução a *Figli di due mondi*, para o personagem de Fante o fato de pertencer a um mundo “wop” (na realidade, o termo significa “without papers”, mas nesse caso é um dos muitos apelidos depreciativos dados aos emigrados italianos) é fonte de grande embaraço, uma vez que aquele mundo se opõe radicalmente ao estilo de vida do outro mundo e, portanto, é símbolo de uma separação irreparável. Somente com a memória (e a escritura) esse mundo pode ser resgatado e, assim, revelar sua autenticidade poética, determinando uma tomada de consciência superior³⁶, que ocorre tanto no conto de Fante como no romance de Abate.

No entanto, a reapropriação das raízes negadas não exclui, para Florian, a convivência pacífica com a metade alemã: “*Quattro mesi li passo nell'altra casa, ad Amburgo, dove sono nato. Ne ho bisogno per non per perdere pezzi miei di passato e forse di futuro. Vivendo in due posti diversi tra loro come il sole e la luna, mi illudo di vivere due volte [...]*”³⁷ Entre dois mares, entre duas terras e, portanto, entre duas vidas. Essa realidade indica não só a importância do senso de pertencimento (“*per non perdere pezzi miei*”), mas uma tendência à pluralidade, à conciliação entre culturas diferentes, ao elogio da mistura, em vez da sobreposição ou do conflito, que, porém, não são gratuitos nem imediatos, mas se impõem por meio de um choque, de um confronto. Para Florian os mares continuam a ser dois, mas vividos no plural, conscientemente. A língua do romance acaba, inclusive, por colher esse aspecto e se mostra diversificada, com interferências do alemão e de elementos regionais no italiano, ainda que nos romances anteriores de Abate essa característica se mostre

35. Cf. J. Fante, “L’odissea di un Wop”, em Durante, 2002, pp. 39-56.

36. Durante, 2002, p. 13.

37. Abate, *op. cit.*, p. 196.

mais prolífica, com a presença freqüente da língua arbëresh, dos albaneses da Calábria, a que o próprio Dumas se refere, durante sua viagem: “*ci parlò di un paese chiamato Vena che aveva mantenuto tradizioni straniere e una lingua che nessuno in Calabria capiva*”; “[...] *era una delle colonie albanesi che emigrarono [...] dopo la conquista di Costantinopoli da parte di Maometto II*”³⁸.

A experiência de Florian resgata, assim, muitas outras histórias de emigração de contornos sofridos, como a descrita por Francesco Avati, em *Il ballo tondo*: “*Perché se uno vive là, senza affetti, senza questi figli che sono il suo tizzone acceso, senza la tua compagna che ti consola, solo e lontano, un Itaker come tanti, senza una meta precisa, senza sapere perché lo fai [...]*”³⁹. Nesse sentido, *Tra due mari* aponta para a desmistificação de um lugar comum que caracteriza parte da literatura de migração, ou seja, a experiência da emigração como exílio forçado e condenação à solidão e nostalgia. Viver entre duas realidades distintas pode também significar maior consciência e liberdade, uma posição privilegiada que permite gerar novas subjetividades e ver o mundo a partir de perspectivas diferenciadas. O “*vivere due volte*” de Florian revela não só um olhar duplo e consciente em relação ao próprio mundo, uma percepção lúcida e finalmente positiva de uma identidade composta, como também uma vocação para a superação de fronteiras, não só geográficas, mas também literárias e histórico-literárias, com a narração da diáspora e a celebração do diálogo-confronto e da contaminação-mestiçagem, sem no entanto perder de vista o ponto de partida, e a imposição de uma nova perspectiva que dê conta das literaturas deixadas à margem, como a feminina, a das minorias étnicas e a da migração.

No último capítulo, Florian narra o encontro com o escritor, que procurava sinais da passagem de Dumas pela hospedaria há muitos verões, e lhe transmite suas memórias, que compõem, na verdade, o próprio romance *Tra due mari*. Nesse capítulo, é o escritor quem viaja em busca do Fondaco del Fico — “*Si cerca un posto e si trovano delle storie*”⁴⁰ —, de resto, como fazia o

38. Dumas, *op. cit.*, pp. 103 e 113.

39. Abate, 2000, pp. 64-65. Publicação em Portugal: *O baile circular*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

40. Abate, 2002, p. 195.

próprio Dumas, observa Florian. O capítulo se intitula “Sosta al Fondaco del Fico”; conclui-se, assim, o percurso de viagem que caracteriza o romance, depois da partida inicial e das quatro viagens intermediárias. Mas não se trata somente de uma parada ou pouso, que mais uma vez segue os passos de Dumas, uma chegada que dá sentido ao desconcerto do trajeto percorrido; é sobretudo um ponto de confluência, onde as viagens se encontram e dão lugar à viagem do escritor no texto, que, assim, viajante-migrante, refaz o périplo de Dumas para narrar os dois mares de Florian, mas com raízes bem fincadas no terreno do Fondaco del Fico, onde os mares tomam forma.

ABSTRACT: *I due mari di Florian, emigrato di seconda generazione diviso tra la terra dov'è nato e la terra di sua madre, tra la Germania e la Calabria. Un viaggio che contiene altri viaggi, tra i quali spicca quello di Florian nel suo essere e la ricerca di un'identità. Il viaggio di Dumas, punto di partenza per un viaggio intertestuale e confluenza di un percorso esistenziale, e Il Fondaco del Fico, trasformato in locanda di famiglia e simbolo maggiore di una cultura antica che si rinnova. L'emigrazione come potenzialità umana e letteraria; spazio di pluralità.*

PAROLE CHIAVE: *Tra due mari; emigrazione; identità; viaggio; doppio.*

Referências bibliográficas

- ABATE, C. *Il ballo tondo*. Roma: Fazi, 2000.
- . *La moto di Scanderberg*. Roma: Fazi, 2001.
- . *Tra due mari*. Milano: Mondadori, 2002.
- CALABRESE, M. et al. (a cura di). *Culture della migrazione e scrittori migranti. Atti del Primo Convegno nazionale*, Ferrara, 19-20 aprile 2002.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- COLASANTI, A. “Medicamenta contemporanei: Carmine Abate”. In: ———. *Rosebud: Una generazione di scrittori italiani*. Roma: Quiritta, 2003, pp. 175-192.
- DUMAS, A. *Viaggio in Calabria*. Trad. Antonio Coltellaro. Soveria Mannelli: Rubbettino, 1996.
- DURANTE, F. (org.). *Figli di due mondi: Fante, Di Donato & C. Narratori italoamericani degli anni '30 e '40*. Cava de' Tirreni: Avagliano Editore, 2002.
- ELLER, F. “Una lingua multiculturale. Intervista a Carmine Abate” *L'Adige*, 23 gennaio 2001, p. 13. Disponível em <http://www.celeste.it/abate/lingua.htm>. Acesso em: 26/11/2003.
- FASANO, P. *Letteratura e viaggio*. Bari: Laterza, 1999.

- FIORI, C. “Italia. La letteratura salvata dagli stranieri” *Corriere della sera*, 23 novembre 1999, p. 33.
- GNISCI, A. *Il rovescio del gioco*. Roma: Sovera, 1993.
- . (a cura di). *Letteratura comparata*. Milano: Bruno Mondadori, 2002.
- MARTINELLI, C. “Quello sguardo sul mondo fatto di afa e sole”. *Alto Adige*, 11 luglio 2000. Disponível em <http://www.celeste.it/abate/alto.htm>. Acesso em 26/11/2003.
- PANZERI, F. “L'amico degli emigranti. Intervista a Carmine Abate” *World on Line*, s.d., disponível em <http://www.celeste.it/abate/lamico.htm>. Acesso em: 26/11/2003.
- PENT, S. “Albanesi di Calabria” *L'indice dei libri del mese*, n. 9, pp. 7-8, settembre 2000.
- . “Tra due mari, Abate restaura la locanda di Dumas”. *La Stampa*, Suppl. Tuttolibri, p. 3, 02/03/2002.
- RUSHDIE, S. *La vergogna*. Trad. Ettore Capriolo. Milano: Garzanti, 1991.
- SANDRI, S. “Italiani” *La letteratura dell'emigrazione. Italian migrant writers*, s.d., disponível em www.focus-magazine.info/Italian%20Migrant%20Writers.htm. Acesso em: 26/11/2003.
- STRATI, S. *Terra di emigranti*. Firenze: Le Monnier, 1979.
- TODOROV, T. *L'uomo spaesato: i percorsi dell'appartenenza*. Trad. Maria Baiocchi. Roma: Donzelli, 1997.